

## São Basílio, o “*Discurso aos Jovens*”

Cristianismo, cultura clássica, educação  
uma introdução

*Autor: Pe. Soter Schiller, OSBM.*

A pequena obra de São Basílio, dito Magno ou “o Grande”, que a tradição intitulou como “**Discurso aos jovens**”, é um marco importante da primeira confrontação entre a fé cristã e a cultura profana, codificada principalmente pela literatura greco-romana, em tempos quando o cristianismo buscava ocupar seu espaço no meio social e tecer sua própria roupagem cultural. O filósofo Alexander Baumgartner qualifica o escrito como “o primeiro programa, claramente formulado, de um humanismo cristão em face do estudo da literatura antiga”<sup>1</sup>. E o estudioso W. Jaeger opina que “este documento viria a ser o alvará de toda a educação superior cristã durante os séculos vindouros” e que “a sua filosofia, em particular, mostra que a sua admiração pelas coisas gregas vai além das simples formas”<sup>2</sup>.

O século IV marcou uma significativa mudança de rumo na história da humanidade, de modo semelhante como foi o século XVI com a “revolução científica” e o século XVIII com a “revolução industrial”. Os fatos que marcaram aquele século: a oficialização do cristianismo no Império Romano, a divisão administrativa do Império em duas metades, a fundação da “Nova Roma” e a expansão do cristianismo e sua inserção nas camadas sociais, constituindo os primórdios de uma cultura genuinamente cristã. A paz constantiniana insere a *societas christiana* na vida do Império Romano, pondo fim à tradicional política anticristã e passa a resolver o problema da coexistência entre *basileia* e *ecclesia*, cujos destinos permanecerão vinculados por toda a Idade Média.

Como consequência dos acontecimentos políticos deu-se o encontro fecundo, propriamente uma síntese, entre o helenismo, isto é, a herança da Grécia antiga, e o conteúdo da nova fé, que já vinha absorvendo o espírito grego ainda nos séculos precedentes.

Para a efetivação da síntese entre o cristianismo e a cultura helênica contribuiu notavelmente a fundação da nova capital imperial, Constantinopla, que rapidamente tornou-se centro de cultura e ciências, em concorrência com as outras sedes de tradição

---

<sup>1</sup> Baumgartner, A.: *Geschichte der Weltliteratur*, in: **Naldini**, 12.

<sup>2</sup> Jaeger, W.: **Cristianismo primitivo e paideia grega**, Edições 70, Lisboa 1991, p. 105.

secular, como Atenas, Antioquia e Alexandria. Retores, gramáticos, filósofos acorrem à “Nova Roma”, atraídos pelo seu prestígio decorrente do fato de ter se tornado a sede da corte imperial. Constâncio, filho e sucessor de Constantino, fez construir na capital uma grande biblioteca imperial, que continha todas as obras da literatura helênica que podiam ser então encontradas. Junto à biblioteca, foi construído um anexo, um *scriptorium*, organizado e subvencionado pelo estado, onde escribas profissionais deveriam recuperar obras de poetas, filósofos, oradores, historiadores e de toda uma plêiade de representantes da cultura antiga. O Império Bizantino, que já se considerava politicamente herdeiro da Antiga Roma, pretendia também ser o portador da herança cultural da Grécia antiga.

O sistema educacional e de ensino no Império Bizantino no século IV era ainda basicamente secular, digamos, pagão. Afora escolas catequéticas (que eram em grande medida teológicas), os cristãos não possuíam nem tinham compreensivelmente criado estabelecimentos próprios de formação intelectual e cultural. Por muito tempo ainda eles frequentariam as mesmas escolas junto com os pagãos e liam os mesmos escritos pagãos. Sobretudo após a paz constantiniana, os cristãos de condição social mais elevada frequentavam as escolas helenistas em busca da cultura necessária para participar da vida pública, o que já lhes convinha, bem como para poder enfrentar com armas iguais o paganismo e as heresias no seu interno.

Nos séculos IV e V, os grandes centros culturais no Império eram Constantinopla, Alexandria do Egito, Antioquia da Síria e o mais importante de todos, Atenas. Atenas possuía as mais renomadas escolas de retórica e filosofia, que mantiveram seu vigor até o seu fechamento ordenado por Justiniano em 529. Basílio de Cesareia passou quatro anos em Atenas e seu colega, Gregório de Nazianzo, cinco ou, talvez, oito. O grande sofista Libânio lecionou por um tempo em Constantinopla, estabelecendo-se posteriormente em Antioquia, onde teve como discípulos João Crisóstomo e Teodoro de Mopsuéstia.

Foi principalmente nesses ambientes, estabelecimentos de formação intelectual, que ocorreu a osmose que veio a determinar a síntese entre cristianismo e helenismo. Esse processo, contudo, não se deu sem tensões e ambiguidades. A grande questão epocal era: como a fé cristã deveria enfrentar o meio sociocultural do seu tempo? Nos círculos cristãos mais preeminentes alinharam-se tendências divergentes. Alguns assumiam uma posição francamente integralista e negativa frente à cultura helenístico-romana. O seu símbolo é Tertuliano: “o que há em comum entre Atenas e Jerusalém, entre a Academia

e a Igreja?”<sup>3</sup>. Uma ala oposta, igualmente extremista, era constituída pelos gnósticos<sup>4</sup>, que praticamente absorvia a fé cristã nas diversas tendências filosóficas e correntes esotéricas.

Havia, no entanto, no meio cristão ainda posições positivas frente ao helenismo, mas de tendência mais moderada. Nela se incluem, por exemplo, os capadócijs e, sobretudo, Basílio de Cesareia. Este adquiriu um vasto conhecimento da cultura helênica nos anos de sua formação que, iniciada na escola de seu pai, mestre de retórica em Cesareia, foi progressivamente amadurecendo em seus estudos, primeiro em Constantinopla e depois em Atenas. Apesar de tornar-se posteriormente quase um “fundamentalista” no que tange à leitura da Sagrada Escritura, Basílio não deixa de utilizar-se profusamente em seus escritos da sabedoria dos antigos, como suporte subsidiário para as suas teses. Gregório de Nazianzo, que pode ser considerado como “mente gêmea” de Basílio, se expressa da seguinte forma sobre a questão:

“Estou persuadido ... que o principal bem que os homens possuem é a erudição, a doutrina. E note-se que não falo somente daquela (doutrina) cristã, assaz mais nobre, a qual, desprezando todo o vão ornamento de palavras, atem-se unicamente às divinas noções e busca somente toda uma beleza intelectual e espiritual. Mas falo também da profana, que muitos cristãos, não suficientemente esclarecidos, desprezam como insidiosa e perigosa, como aquela que afasta a mente de Deus... Por isso, não obstante que alguns sejam de parecer contrário, estou persuadido que a erudição grega não deve ser desprezada, mas há de se considerar como rude e ignorante quem assim pensa”<sup>5</sup>.

Não há de se duvidar que Basílio, dadas as suas profundas relações de amizade com Gregório de Nazianzo, tinha opinião semelhante sobre o assunto. E o “**Discurso**” representa de forma emblemática o que ele pensava da literatura clássica e do seu valor para a formação do jovem cristão.

---

<sup>3</sup> Tertuliano, *De Praescriptione Haereticorum*.

<sup>4</sup> O gnosticismo, vigente já desde o início da era cristã, foi um movimento multifacetado e complexo. Temos em mente aqui apenas o gnosticismo cristão.

<sup>5</sup> Gregório de Naziano, *Oratio XLIII, 11*, in: **Basilio di Cesareia, la sua età, la sua opera**, vol. I, 219.

## O “Discurso” e seu gênero literário

De que maneira se configura o opúsculo *Aos Jovens* de São Basílio como gênero literário? Que tipo de escrito é, considerando que da sua feição dependem os seus objetivos?

Como quase todos os escritos da antiguidade, o *Aos Jovens* de fato não traz nenhum título. A maioria dos manuscritos que se conservaram lhe antepõem o título “Aos jovens sobre o modo de tirar proveito dos escritos helênicos” (*Prós tous néous hopos an ex hellenikôn oféilointo lógon*). Alguns dos manuscritos etiquetam-no como “homília”. Mas o opúsculo não tem nenhuma feição de homília, se comparado às grandes homílias de Basílio, nem têm o formato e estrutura do gênero homilético antigo. Outros manuscritos qualificam o escrito como *logos*; este, sim, talvez seja o termo mais adequado para caracterizá-lo. *Logos* pode ser adequadamente traduzido como “discurso”. Um “logos-discurso” pretendia “discorrer”, argumentar e convencer um determinado público sobre uma determinada questão. É justamente isso que Basílio, dirigindo-se aos jovens, pretende argumentar sobre a utilidade da leitura dos clássicos para um cristão. O “discurso” outras vezes é intitulado como *parenesis*, isto é, “exortação” ou “aconselhamento”. *Parenesis*, gênero tão comum na oratória antiga, corrobora plenamente o sentido acima explicitado.

### • Datação e destinatários

Quando foi escrito o “Discurso aos Jovens”? Basílio faz menção no próprio escrito que os conselhos que ele se propõe a dar aos jovens são frutos de uma “idade” e de uma experiência acumulada após muitas provas<sup>6</sup>. Não se deve, porém, pensar em atribuir a Basílio uma idade avançada, mesmo porque ele morreu com 50 anos incompletos. Seria apenas uma “idade” maior, posta em relação com quem “está começando a vida”<sup>7</sup>. Muitos estipulam que o “Discurso” tenha sido escrito um pouco antes de 370, mas toda a introdução ao opúsculo nos sugere uma data posterior, com Basílio já constituído bispo de Cesareia.

---

<sup>6</sup> Cf. I, 2.

<sup>7</sup> I, 2.

A quem é dirigido o “Discurso”? Quem seriam os seus destinatários? Seriam destinatários reais ou os “jovens” seriam apenas personagens de um gênero literário, um *logos* dirigido a quaisquer jovens cristãos que viessem a estudar em escolas pagãs?

De um exame interno do “Discurso” pode-se constatar que os destinatários são alguém que está “começando a vida”, com quem Basílio tem uma relação de proximidade por um “vínculo natural”, “já após os genitores”<sup>8</sup> e que eles, os destinatários, estavam longe dos pais<sup>9</sup> e que frequentavam a escola “todos os dias”<sup>10</sup>.

A menção de que Basílio tem um “vínculo natural” (*pará tês physeos*) com os destinatários nos autoriza a concluir que havia um vínculo de parentesco entre o autor e os destinatários? É improvável. Basílio, de um lado, acredita poder mostrar-lhes um “afeto” semelhante ao paternal, por outro lado procura conquistar a sua confiança, não fundamentando-se em uma autoridade decorrente de relações familiares (de tio para sobrinhos, por exemplo), mas oferecendo-lhes antes como motivo a sua própria experiência de vida e suas experimentadas capacidades para mostrar-lhes critérios atinentes aos objetivos do *logos* a eles dirigido. É mais provável que, antes de serem seus parentes, os interlocutores de Basílio são jovens em idade escolar que, em virtude da necessidade de frequentar aulas, encontravam-se distantes do lar paterno e em relação aos quais Basílio tem a responsabilidade de tutela (“me encontro próximo de vós, depois dos genitores”<sup>11</sup>).

Mas, qual seria a verdadeira identidade desses “alunos” e que escola eles frequentavam “todos os dias”<sup>12</sup>? Seria uma “escola episcopal” que Basílio teria sob sua tutela, onde os jovens estariam diretamente sob sua autoridade “após os genitores” e deveriam voltar para ele sua “atenção”?<sup>13</sup> Ou poderíamos admitir a existência de algum instituto, tipo “internato”, que era eventualmente mantido pelas fraternidades monásticas de Basílio? Podemos situar um “internato” desses no complexo das instituições da “Basíliade”, a “cidade dos pobres”, nas imediações de Neocesareia, mencionada na “História Eclesiástica” de Sozómeno?<sup>14</sup>

---

<sup>8</sup> I, 2.

<sup>9</sup> Cf. I, 2.

<sup>10</sup> I, 5.

<sup>11</sup> I, 2.

<sup>12</sup> I, 5.

<sup>13</sup> Cf. I, 2.

<sup>14</sup> PG, LXVII, 1397.

A existência efetiva de tais “internatos” não deixa de ser uma possibilidade real. Na “regra extensa” nº 15 do *Grande Asketikon*, Basílio de fato aprova a admissão de “meninos e meninas”, “mesmo os da primeira idade” nas suas fraternidades. Menciona precisamente a condição de eles serem “trazidos pelos pais” e colocados sob os cuidados da comunidade dos irmãos<sup>15</sup>. Basílio tece extensas considerações sobre como essa juventude deve ser recebida, a forma como deve ser educada: a ênfase total - tal como no “discurso” - é na *aretê*-virtude.

Na mesma regra 15 é mencionado o “estudo das letras”, com a sugestão de uma estratégia baseada em estímulos e prêmios<sup>16</sup>. Em se tratando de orientações pedagógicas, Basílio tem o cuidado de fazer uma recomendação idêntica à que fará no “Discurso”: na preferência por histórias de “feitos admiráveis” na literatura clássica, há de se rejeitar as narrativas mitológicas.

Na “regra breve” nº 292 que se refere ao mesmo assunto, o “internato de meninos”, ocorre explicitamente a palavra “escola” (*didaskálion*). No tocante à questão “se convém ter na comunidade dos irmãos uma escola de meninos seculares”, a resposta de Basílio é positiva, salvaguardando os objetivos de tal empreendimento<sup>17</sup>.

A que nos conduz uma possível conclusão? De que “jovens” se trata? Seriam filhos de famílias cristãs que buscavam sua formação em escolas helenistas pagãs em algum lugar do império, visto que as comunidades cristãs não possuíam ainda seus próprios estabelecimentos? Parece não ser o caso. Na introdução ao “Discurso”, o autor, Basílio, apresenta-se nitidamente como um tutor em relação aos jovens. Ele é um homem experimentado, criterioso, conhecedor dos clássicos: sob suas responsabilidades os pais confiaram seus filhos. Por outro lado, esses “jovens” não parecem ser simplesmente postulantes à vida monástica que se puseram sob a direção de Basílio, como também se poderia supor. As atitudes e o discurso de Basílio nesse caso seriam outros. No escrito, Basílio se apresenta como um conselheiro, configurando uma atitude de mestre que oferece conselhos a certos discípulos, ainda que esses conselhos sejam carregados de ensinamentos morais. Não se apresenta, porém, de maneira alguma como um pai espiritual orientando moços para a vida monástica. Certamente, se assim fosse, Basílio privilegiaria em absoluto referências bíblicas como modelos de virtude. A hipótese de o

---

<sup>15</sup> Cf. São Basílio: *As Regras Monásticas*. Col. Os Padres da Igreja/4. Vozes, Petrópolis 1983, 71-74.

<sup>16</sup> *As Regras Monásticas*, questão 15, 3, pp. 72-73.

<sup>17</sup> Cf. *As Regras Monásticas*, p. 274.

“Discurso” referir-se a “internatos, ou mesmo a escolas, adjuntas às comunidades monásticas nos parece ser a mais atraente.

Foi aventada a hipótese de São Basílio ter se inspirado em Plutarco, particularmente em sua obra *De audiendis poetis*<sup>18</sup>, havendo uma possível dependência literária daquele em relação a este. Plutarco (c. 46-120) foi um historiador (*Vidas Paralelas*) e filósofo grego romanizado, ligado ao estoicismo. De fato, ocorre um marcante paralelismo de expressões entre ambos. Os objetivos nas respectivas obras são semelhantes: para Plutarco, o uso da poesia antiga deve servir de subsídio para a autêntica filosofia; para Basílio, esse uso é visto como uma propedêutica para a “filosofia” cristã que está contida na Sagrada Escritura. O objetivo final de ambos é explicitar a virtude, fazendo a leitura dos clássicos sob a ótica moral. Ambos propõem um procedimento seletivo eclético: selecionar o que nos clássicos ilumina a virtude. Para tanto citam exemplos selecionados: o destaque é Homero, visto como mestre de moralidade. É difícil concluir para uma efetiva “inspiração” de Basílio em relação a Plutarco. Exclui-se, no entanto, qualquer relação de dependência de um para outro: Basílio jamais cita Plutarco, nem demonstra algum apoio explícito no escrito deste. Talvez mais que Plutarco, seja Orígenes a inspiração de Basílio no que se refere à leitura dos clássicos como propedêutica à Sagrada Escritura<sup>19</sup>. De fato, Gregório Taumaturgo relata que, estando na escola de Orígenes em Cesareia, este recomendava a leitura de autores pagãos, em particular dos filósofos, evitando somente os que negavam a existência de Deus e da Providência.

#### • Tese, enfoque, objetivos

Que posição toma Basílio no “Discurso” frente à questão do uso da literatura helênica clássica? Que conselhos pretende ele oferecer aos “meninos” sobre o estudo dos clássicos que eles enfrentam na escola?

Algumas vezes foi dito que o “Discurso aos jovens” representa uma obra de pedagogia cristã elaborada por São Basílio, assim como outra obra sua, o “Hexámeron” caracteriza-se como uma cosmologia cristã. A segunda parte do enunciado pode até ser

---

<sup>18</sup> Pastorino, A.: *Il discorso “Ai Giovani” di Basilio e il “Audiendis poetis” di Plutarco*, in: *Basilio di Cesarea, la sua età, la sua opera* (Atti del Congresso Internazionale – Messina 1979, vol. 1), 217-257.

<sup>19</sup> Cf. Pastorino, 214-215.

verdade, não a primeira, porém. Nem a forma nem o conteúdo do opúsculo do capadócio se configura como um tratado de “pedagogia” no sentido próprio, embora seja usado para fins pedagógicos entre os cristãos. Basílio não discorre sobre a educação como tal, nem se propõe em definir seus princípios, formas e estratégias. O assunto praticamente único da obra é o uso da literatura clássica greco-romana, por parte de jovens cristãos em idade escolar, de como deve ser feito esse uso e sobre seu peso e valor para um cristão.

Basílio coloca, então, a questão inicial: os jovens cristãos podem fazer uso proveitoso da literatura pagã? Responde: sim, com certos critérios. São Basílio nunca deixou de ser bastante radical frente à ciência profana e aos valores seculares de seu tempo encarnados na cultura grega. Ele até se lamenta que seus estudos em Constantinopla e Atenas fossem uma “perda de tempo”: “perdi muito tempo com vaidades e passei quase toda a minha juventude em vãs fadigas, estudando doutrinas de uma sabedoria que Deus torna estulta. Mas finalmente despertei do sono profundo... reconheci a inutilidade da sabedoria dos príncipes deste mundo”<sup>20</sup>. No próprio “Discurso” deixa claro que “não temos em conta alguma” a vida terrena do homem, nem os valores terrenos nem “qualquer realidade humana” são dignos de apreço<sup>21</sup>. A alma é superior ao corpo e a vida futura transcende a terrena<sup>22</sup>. Aos valores da vida futura conduzem as Sagradas Escrituras, mas os jovens ainda não estão em grau de compreendê-las. Basílio aconselha então a leitura de outras “escrituras”, as profanas, dos “poetas, historiadores, oradores”<sup>23</sup>. O seu valor é o da utilidade, subsidiariedade, propedêutica à sabedoria superior, isto é, à mensagem cristã. A superioridade desta última é indiscutível: frente a ela, a sabedoria da literatura helênica se representa como as folhas de uma árvore em relação aos frutos<sup>24</sup>.

O critério, portanto, está firmemente posto nas páginas iniciais do escrito: é o princípio pragmático das escolhas ecléticas. Os jovens, fazendo bom uso da inteligência, poderão fazer um claro discernimento, rejeitando o que é nocivo e colhendo o que é útil ao espírito, “a exemplo das abelhas” que extraem das flores somente o que lhes é útil para o seu objetivo maior, o fabrico do mel:

---

<sup>20</sup> Basílio de Cesaréia, *Epístola* 223, 2.

<sup>21</sup> II, 1; cf. II, 2.

<sup>22</sup> II, 6.

<sup>23</sup> II, 8.

<sup>24</sup> III, 2.



“Não deveis segui-los (os autores) indiscriminadamente para onde quer que eles voz conduzam, como que entregando-lhes uma vez para sempre o timão da vossa inteligência, mas, acolhendo o que eles têm de bom, saibais também aquilo que é preciso rejeitar”<sup>25</sup>.

Admitindo esses critérios, a literatura clássica adquire um valor de propedêutica para o jovem cristão. Ela nos prepara para a aquisição da verdadeira sabedoria que está contida nos Escritos Sagrados:

“Se desejamos que a ideia do bem permaneça indelével em nós, depois de nos dedicarmos justamente a esses estudos profanos, entenderemos, então, os mistérios das sagradas doutrinas, e uma vez habituados a ver, por assim dizer, o sol na água, dirigiremos o olhar à própria luz”<sup>26</sup>.

Basílio faz questão de buscar um apoio para a sua tese na própria Sagrada Escritura, citando dois personagens do Antigo Testamento: Moisés “primeiro exercitou a mente com as ciências egípcias” e Daniel foi “instruído na Babilônia na ciência dos caldeus”<sup>27</sup>.

Mas o que constitui propriamente a utilidade dos clássicos para o jovem cristão? Está muito claramente definida por Basílio: é a “utilidade para a alma”<sup>28</sup>. E a vida da alma se sustenta pela “virtude”: “faremos nosso tudo o que eles dizem em louvor à virtude”<sup>29</sup>. O ponto-de-vista que caracteriza todo o escrito está patente em todas as suas páginas: é a perspectiva **moral**. Basílio não se interessa pelo valor literário ou estético das obras dos autores clássicos. Nem mesmo pela filosofia como tal. A sua atenção exclusiva está dirigida às considerações sobre a **virtude** que possam ser colhidas dos autores clássicos. Todos os critérios que Basílio aponta para aceitar ou rejeitar os escritos antigos confluem no “elogio à virtude” (*aretê*)<sup>30</sup>. A temática da virtude constitui o fundo e a essência dos conselhos que ele propõe aos seus meninos.

---

<sup>25</sup> I, 6.

<sup>26</sup> II, 9.

<sup>27</sup> Cf. III, 3 e 4.

<sup>28</sup> III, 7.

<sup>29</sup> III, 7.

<sup>30</sup> V,1; V, 7; VI, 1; VI, 4; VII, 6.

A “virtude”, segundo a mente de Basílio, tem um nítido tom platônico com acordes estoicos. Ilustrada no mito da carruagem, a virtude identifica-se com o exercício da razão, que ordena e modera os apetites nobres e inibe os apetites sensuais, as paixões: “é preciso castigar o corpo e refrear seus impulsos como se fosse de uma fera e coibir com o açoite da razão os fermentos da desordem por eles gerados na alma e não abandonar, porém, todo o freio ao prazer, deixar que a razão seja impelida por uma auriga puxada por cavalos”<sup>31</sup> A conquista da virtude comporta um árduo combate: “áspero e difícil, cheio de suor e fadigas, e íngreme é o caminho que conduz à virtude”<sup>32</sup> – diz Basílio, tomando as palavras de Heráclito. Para se tornar um “bem inalienável”, que permanece conosco a vida toda e após a morte<sup>33</sup>, a virtude deve converter-se em “hábito”<sup>34</sup>. O hábito, por sua vez, se consolida pelo exercício. Aduzindo exemplos dos clássicos, Basílio quer demonstrar que a prática efetiva da virtude nas diversas situações vitais demanda treino prévio e é o resultado de um adestramento<sup>35</sup>. Essa é uma ideia de inspiração estoica. Por conseguinte, o grande inimigo do homem virtuoso é a indolência e o ócio<sup>36</sup>.

Colhendo exemplaridades da literatura clássica e do próprio cotidiano da época, Basílio vai pincelando o perfil do homem virtuoso. A virtude tem de ter o caráter de autenticidade: “o máximo da iniquidade é aparentar ser uma pessoa honesta e não sê-lo de fato”<sup>37</sup>. Admitindo uma certa dose de *ataraxia* estoica, Basílio vai delineando algumas faces da virtude, como o controle da cólera (VII, 6-8), do erotismo (VI, 10-11), a rejeição do perjúrio (VI, 12-13), o desprendimento em face das riquezas (IX, 18-20), o cuidado pela alma contraposto ao cuidado pelo corpo (IX, 3-5).

Basílio sustenta uma perfeita correspondência com Platão quanto à relação entre música e virtude. A questão está na boa escolha: para Platão, a música ruim corrompe a alma do cidadão, enquanto a música boa é um auxiliar à formação moral do indivíduo, contribui para a harmonia interior e moderação (*sophrosyne*) e ao enobrecimento da alma<sup>38</sup>. Basílio, de sua parte, destaca “a diferença entre a audição de uma melodia sadia

---

<sup>31</sup> IX, 14.

<sup>32</sup> V, 3.

<sup>33</sup> Cf. V, 11).

<sup>34</sup> V, 1.

<sup>35</sup> Cf. VIII, 1-11.

<sup>36</sup> Cf. VIII, 12-15.

<sup>37</sup> VI, 6.

<sup>38</sup> República, 401, b-c; 410, a; Timeu 80, b.

e o encher os ouvidos com uma música perversa”<sup>39</sup>. Aludindo a Davi, uma melodia “salutar” tem um poder terapêutico e pode até “afastar da loucura”<sup>40</sup>.

A característica fundamental do homem virtuoso é a firmeza de princípios “porque não existe nada que o sábio deve evitar com maior decisão do que o viver segundo o juízo dos outros e o adequar-se às opiniões correntes do povo, em vez de deixar-se guiar na vida pela reta razão”<sup>41</sup>. Em contraposição, um homem sem princípios que “assim como o polvo... muda de cor conforme o terreno onde se encontra, assim também ele muda os seus juízos conforme as opiniões daqueles com quem se acompanha”<sup>42</sup> é o adulator, um indivíduo moralmente desprezível.

Basílio, portanto, sustenta que o estudo dos clássicos adequadamente discernido e selecionado, pode oferecer uma boa base para a formação moral e intelectual do homem, inclusive do cristão.

Tomando essa posição, muito aberta para o seu tempo, Basílio, junto com alguns seus coetâneos, contribuiu para impedir que uma determinada ala da elite cristã incluísse na sua “derrubada de ídolos” também a ciência e a literatura antiga e fez com que no meio cristão prevalecesse a posição positiva perante a cultura clássica. Assim, por conseguinte, a Igreja veio a tornar-se o veículo transmissor do patrimônio cultural da Antiguidade para a Idade Média e para os tempos modernos.

### **Referências bibliográficas:**

#### ***Textos:***

MIGNE, J.P.: *Patrologia graeca*.

BASILIO DE CESAREA. *Discurso a los jovenes* (a cura de Luiz Glinka). Buenos Aires: Editorial Lumen, 1988.

---

<sup>39</sup> IX, 7-10.

<sup>40</sup> Cf. IX, 8.

<sup>41</sup> IX, 27.

<sup>42</sup> IX, 29

***Texto crítico:***

BASILIO DI CESAREA. *Discorso ai giovani* (a cura di Mario Naldini; bilingue: greco e italiano). Firenze: Naldini Editore, 1984.

***Bibliografia:***

TRISOGLIO, Francesco. *Basilio il Grande si presenta: La vita, l'azione, le opere*. Grottaferrata: Monastero Esarchico, 2004.

FYRIGOS, Antonis. *La filosofia patristica e bizantina*. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 2002.

*Basilio di Cesarea – la sua età, la sua opera* (Atti del Congresso Internazionale, Messina, 1979). Vol. 1. Messina: Università di Messina, Centro di Studi Umanistici, 1983.

*Basilio di Cesarea – la sua età, la sua opera* (Atti del Congresso Internazionale, Messina, 1979). Vol. 2. Messina: Università di Messina, Centro di Studi Umanistici, 1983.

FEDWICK, Paul Jonathan. *Basil of Caesarea – Christian, Humanista, Ascetic*. Part I. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1981.

BASÍLIO DE CESAREIA. *As Regras Monásticas* (trad. H. Parsch e H. Nagem Assad). Petrópolis: Vozes, 1983.